

A VERDADE

ORGAM RELIGIOSO E LITTERARIO DEDICADO ÀS FAMILIAS

Director--Conego Corrêa Nery

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Editor--Ignacio de Campos

ANNO 1

CAMPINAS, DEZEMBRO DE 1892

N. 24

Sabbado, 31

CAMPINAS EM 92

Arvoro-me em critico, eu. Já agora estou decidido. E visto que a critica cá da terra não se dedignou de sahir a lume a endeusar ou desancar os audaciosos mancebos que têm o mau vezo de empregar as horas vagas em lérias de litteratura, que é coisa mal rendosa, saio eu sósinho á ribalta da imprensa e venho dizer, alto e sem ambages, a minha profunda e autorisada opinião sobre a revista em versos, que me serve de titulo, dos meus dilectos amigos e companheiros Alberto Faria e Benedicto Octavio de Oliveira

E' de costume, na critica indigena, antes de entrar no estudo da obra, esmiuçar o temperamento e a indole do auctor ou auctores; escrever como introito, uns quatro ou cinco artigos longos e indigestos, como uma feijoada á meia noite; fazer considerações sobre a poesia objectiva e subjectiva, e transcrever qual a opinião de Taine sobre a época em que grêlam os pepinos, e a de Julien ou Sarcey sobre o amadurecimento das bananas.

Livrarei o leitor desta massada de ouvir alheia opinião, mesmo porque vejo-os, a todos, anciosos por saber as grandes e ponderosas locuções que vão sahir do meu cerebro privilegiado e que me hão de elevar á altura de um principio, acarretar-me o passmo e a admiração publica e preparar-me um nicho no pantheon das glorias campineiras.

Louvores é verdade que vou pol-os aqui, e muita gente talvez me acoime de suspeito, pela amizade que me liga aos auctores da revista. Mas previno que os laços que me unem a elles não me instillarão o virus da injustiça nas veias, e que aquillo que me escorrer da penna será a verdade rectilinea, a representação exacta do que penso, sem pontos de reticencia nem nada... e tudo.

E outra coisa não era de se suppôr encontrar nas columnas de um jornal, cujo titulo já deve de afastar as suspeitas mal intencionadas.

Sabe, pois, leitor, que o que aqui vai é a pura verdade, não sahida do fundo de um poço, mas do alto do meu juizo, que expenderá considerações taes e tão relevantes que se forçosamente ha de fazer dellas cabedal.

Agora, sériamente.

Uma das grandes qualidades do trabalho dos meus amigos é o ter sido, como a agua do dr. Frontin e o mundo, arranjado em 6 dias. Este pequeno lapso de tempo foi o sufficiente para que da prodigiosa veia poetica de Benedicto Octavio e do cerebro imaginossissimo de Alberto Faria sahisse uma revista dos acontecimentos do anno, onde o verso é todo fluente e natural, e o espirito, fino, malicioso, toca o alvo sem macular, attinge delicadamente sem ferir, confunde sem melindrar.

E' uma difficuldade que elles venceram com uma pericia pouco vulgar. Não houve acontecimentos, nem pessoa saliente por via delles ou por outras circumstancias, que os poetas não enfarinhassem com o polvilho da sua troça, sem que ninguem, absolutamente ninguem, houvesse de se ofender ou zangar. Antes, pelo contrario, todos acharam chiste e riram-se alegremente e applaudiram, como quem sabe aquilatar no seu justo valor as coisas.

Nem menos era de esperar da nossa platéa, que se têm mostrado intelligente e educada, refazendo-se de peccadilhos antigos, que muita vez fizeram o nosso desespero.

Não avançarei que *Campinas em 92* seja uma revista completa, isentada de defeitos. Não. Tem-n'os, o que é natural, attenta a rapidez com que foi escripta e a falta de pratica dos auctores, que nunca escreveram para a scena. A's vezes, mas muito raramente, apparece um ou outro verso obrigado pela rima, um termo improprio, uma phrase balo-

fa. Mas em compensação quanto chiste, quanto verso bonito!

Peza-me em extremo não poder transcrever aqui, pela escacez de espaço e estreiteza da columna, todos os que desejara, entre os quaes, por inteiro, os bellos decasyllabos do prologo, para que aquelles que não tiveram a felicidade de ouvil-os lessem-n'os ao menos e ficassem sabendo que esta terra abençoada de Campinas, máo grado a inveja e a animadversão geral, continúa a ser grande, poderosa e fecunda em talentos.

Começa o prologo da revista com um côro de saudação a *Campinas*. A musica, do sr. Antonio de Cerquera Cezar, é mimosa e bonita e facil. Terminando o côro, responde aquella:

Graças vos dou! de novo aqui pujante
Vêdes-me todos, juntos congregados.
Rasgou-se o véo da magua lancinante
E vou seguir na senda triumphante
De outros tempos felizes e passados!

Um dia... ao duro embate féro e horrendo
Da sorte má, vencida me senti.
Mas, poderosa, aos poucos revivendo,
Como a Phœnix das cinzas renascendo,
Das cinzas, como a Phœnix, renasci
E agora que acalenta-me a bonança
Após o vendaval funesto e rude,
Tenho a amparar-me a calida Esperança,
A Fé, que sobre o mundo tudo alcança,
E a Caridade—angelical virtude!

E os versos seguem-se cadenciados, rythmicos, sonoros como as sonoras vibrações dos copos de crystal tanguidos por habeis mãos delicadas.

E então a Industria, o Commercio, a Lavoura, cada uma por sua vez, em versos admiraveis (que eu os não suppunha poetas) offerecem a *Campinas* os seus serviços e saudam-na.

E vem a *Arte* e diz:

Eu, que o nome campineiro
Colloco entre os altos nomes,
Servindo como luzeiro
Hoje a Maria Monteiro
E de ha muito a Carlos Gomes:
Eu, em que tudo se esteia,
Eu, que o universo bem diz,
Bemdisset ambem a idéa
Dessa móle gigantéa
—O teu orgulho—a Matriz.

Oh! conta commigo--a Arte,
Que alegre te felicita!
Aqui estou para auxiliar-te
Eu, que brilho em toda parte
--Da terra á arcada infinita.

Falla a Sciencia:

Campinas, contigo exulto
Neste momento tão bello.
Prova que á sciencia das cultos
Um nobre e grandioso vulto
--Joaquim Corrêa de Mello.

Falla agora a Imprensa:

Eu sou a Imprensa altaneira,
Incandescente pharol,
Que illumina a terra inteira
E cuja luz passageira
Vale a rubra luz do sol!

Eu te sigo dia a dia
E dispões do meu poder!
Quando abatida te via,
A magua que me pungia
Nem tu podes comprehender!

Permite, pois, que me vergue
A teus pés. Salve, Campinas!
A filha de Guttenberg
Sauda aquella que se ergue
De suas proprias ruinas!

E digam-me si isto não é simples e bonito!

Novamente Campinas responde em formosos alexandrinos, repete-se o côro, e cae o panno.

O 1.º acto representa uma rua, onde se encontram os dois jornaes da terra e *Campinas*, partindo dahi o desdobrar dos acontecimentos, que passam ante os olhos do espectador seguidamente numa boa ordem alegre, levando cada um, no topete, um bom dito, uma boa phrase.

Logo em principio ha esta scena interessante passada entre aquelles personagens e um medroso.

MEDROSO

Perdão!

Mas pôde alguém me dizer
Por que caminho vou ter
Já, sem demora, á Estação?
Vim do interior de passagem
E perdi-me não sei onde...

HENDEBAR, com ironia

Pois é facil. Tome um bond
Si não teme adiar a viagem.

MEDROSO

Eu? Nem falle, que o meu povo
(Leva o lenço ao nariz)
Espera-me anciosamente...

GIL-BLAS

Mas que tem? Tem dor de dente?

MEDROSO

Receio ser caso novo...

GIL-BLAS
Tolo !
CAMPINAS
Gente que abomino
E me inspira compaixão
HENDEBAR
Por aqui siga... ou senão
Volte logo que eu lhe ensino.
MEDROSO
Obrigado... e diga... creia...
HENDEBAR
Pergunte, por conseguinte.
MEDROSO
Sim... o trem das 4 e vinte
Quando parte ?
HENDEBAR
A's 5 e meia.

A proposito da companhia lyrica e do prestidigitador O'Kill, que aqui pregou uma boa peça fugindo com o dinheiro sem dar espectáculo, ha na revista boas pilherias de provocar desopilantes gargalhadas.

Si fôssemos a transcrever tudo o que nos agradou quasi que teriamos de publicar *in totum* a revista, o que não é possível agora. Todavia ainda me não posso furtar a trasladar mais este monologo:

EX-POETA

Eu fui um poeta fagueiro;
Porém descendo da lyra
Por um chicote de embira
Troquei-a... e sou fazendeiro,
Quero coisas mais rendosas,
Embora *menos amenas*...
Morra'n de dor as Camenas !
Enlouqueçam mesmo as rosas !
Lá bem no meio das mattas
A poesia esqueço até !
Quando fui plantar café
Mandei-a plantar batatas !

E ahí ficam no tinteiro, pela falta de espaço, os bellos versos lyricos, que a *Primavera* recita, após ter dançado uma cadenciada e linda valsa da lavra da exma. sra. d. Perpetua Duarte. E ahí deixo no esquecimento o dr. Phenol, o reclamista, o espirituoso epigramma á policia, o qual termina assim :

HENDEBAR

Que os homens seus (sem ataque
Aos seus portes altaneiros)
São como os carabineiros
Das operas de Offenbach.
Isto não é por fallar,
Nem no jornal cáio nessa :
—Mas a trotar vão depressa
E chegam sempre *trop tard* !

Querem mais provas de espirito ?! Desejam mais finura e graça ?! Não é possível.

Transcrevendo todos estes trechos da jocosa revista de Alberto Faria e Benedicto Octavio, é meu particular intuito fazer saber, ás poucas pessoas daqui que ainda não foram ouvil-a, que estão perdendo de assistir ao que é bom e não faz mal; e tambem fazer conhecer áquellas de fóra o nome e o talento dos meus amigos, cuja vocação para a litteratura dramatica

O carrasco

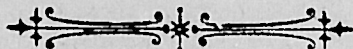
Consenti que elle passe, ó multidão, illeso,
Com a pallidez mortal de quem ha muito sente,
Opprimindo-lhe a alma e opprimindo-lhe a mente,
Da consciencia viva o grande, o enorme peso.

Não lhe atireis á face o escarro do desprezo,
Porque o negro remorso atroz e lentamente
Já lhe carcome o corpo e mostra-lhe inclemente,
Das penas iniernas o fogo eterno acceso.

Perdão para o infeliz, embora a rubra côr
Do sangue as mãos lhe tinja... E' que na noite escura
Daquella alma reluz a aurora de um amor.

Perdão, porque elle é pai; e esse clarão que brilha
Espancando o negror da sua desventura
E' o sacrosanto amor da pequenina filha.

RENÉ BARRETO.



se tornou agora bem patente, augurando-lhes eu, caso continuem a escrever e estudar, logar invejavel entre os comedigraphos de primeira plana no nosso paiz.

A ambos os applausos sinceros e mil abraços de felicitação do humilde companheiro e amigo

R. B.

Theatro S. Carlos

Realisou-se, ante-hontem mais um espectáculo do grupo infantil em beneficio do Lyceu de Artes e Officios.

Começou pela comedia *O Juca*, representada por alguns alumnos do Seminario Episcopal. Pouco movimentada e algum tanto monotona e mesmo propria apenas para representações em familia, a comedia todavia não desagradou, pela boa interpretação que deu ao papel de *Juca* o intelligente alumno João Ladeira. Os outros concorreram, como puderam, para que no fim fossem todos applaudidos.

Em seguida houve um *intermezzo* musical, pelos srs. maestro Sant'Anna Gomes, professores Moscatelli, Antonio Cezar, Juvencio e Luiz Monteiro, em que foram tocadas duas mimosissimas composições do segundo daquelles cavalheiros.

Dizer que a execução foi correcta e que o publico assistiu-a em religioso silencio é uma inutilidade quando se trata de artistas da ordem dos que ante-hontem deliciaram os nossos ouvidos com as notas inspiradas dos seus instrumentos.

Representou-se então, pela primeira vez, a nova comedia do sr. Henrique de Barcellos — *Os apuros de um jornalista*. Como tudo o que sahe da penna do nosso mestre, é um

bello escripto, cheio de graça pontilhada ás vezes de uma malicia fina.

O desempenho foi muito bom, e cremos que com mais alguns ensaios não deixará nada a desejar, o que ainda não pôde succeder ante-hontem por ser, quem sabe, a primeira vez.

Agradaram-nos perfeitamente as duas interessantes meninas Cotinha e Nenê Novo que fizeram os papeis de criada e de actriz.

A primeira, uma franzina e delicada pequerrucha de uns 6 annos, é de uma graça inexcidível com o seu aventalzinho de criada respondona e exigente. O patrao vê-se zozoz com os seus pedidos de dinheiro para a farinha e a leinha que se acabaram.

A outra, elegante no dançar e seductora na falla e no gesto, deixou o pobre jornalista, e o tio, e a todos, pelo beicinho.

Flavio dos Santos, o commendador, salvou por diversas vezes a situação embaraçosa dos companheiros, motivada pela demora das *entradas*. Torna-se necessario mais presteza da parte do contra-regra noutras representações.

O nosso intelligente amigo João Paulo Bloem fez rir a platea a valer, embora exagerando no papel de pretinho levado da breca.

Augusto Moreira é um excellente jornalista, na extensão da palavra. Si até escreve com uma rapidez extraordinaria. Anda em scena com desembaraço e tem o gesto adequado á palavra, o que nem sempre acontece a todos.

A formosa Ernestina Faria e o menino Abel Castro, com mais um ou dois ensaios podem dar, aquella melhor Lucia, mais ciumenta e zanga-

da, e este um fazendeiro das duzias, inimigo dos sorvetes e amigo dos colonos *italianos*.

Após a comedia, houve novo *intermezzo* musical pelos mesmos professores. Foi executada a musica *O meu canarinho*, do distincto professor Moscatelli.

Mimosa, a mais não, de uma exactidão perfeita no imitar o canto daquella avesinha, o seu auctor conseguiu tirar no violino sons perfeitamente identicos aos que a natureza emprestou á garganta dos passaros. Ao terminar, o inspirado professor e os seus companheiros foram saudados com uma calorosa salva de palmas.

Terminou o espectáculo com a apparatusa peça allegorica, lo sr. Barcellos — *A communhão das nações*.

Já representada aqui em antigos tempos, todavia nunca o foi tão bem, nem com tanto luxo e gosto.

Uma após outra, entre applausos, chegaram as nações, formosas meninas, vestidas todas com muito gosto e trazendo ao peito as côres da bandeira respectiva.

Cumpre-nos destacar, si nos é isso permittido, á vista da correcção com que todas recitam, as meninas Cybelle Novo (Allemanha), Nenê Novo (Inglaterra) e principalmente Maria Ribeiro (Brazil), cuja propriedade de entonação e sonoridade de voz nos encantaram.

Ao menino Alfredo Monteiro enviamos um abraço, a elle que já hontem recebeu palmas e *bouquets*.

Ao descer o panno quasi todas as meninas receberam tambem *bouquets* e presentes sendo de notar os que receberam *Portugal* e o *Brazil*.

Vai hoje á scena, em recita de auctores, a revista *Campinas em 92*, com um epilogo, allegorico á passagem do anno velho para o novo.

Terminará o espectáculo com a engraçada comedia *Os apuros de um jornalista*, que tanto successo causou na primeira noite e cujo tango final foi *bisado*.

Por absoluta falta de tempo para os ensaios deixa de ser levada á scena, hoje, a nova comedia em verso dos srs. Benedicto Octavio e Alberto Faria.

Mas o publico não perderá de ouvil-a e vel-a. E' só ter mais um pouquinho de paciencia...

Theatro S. Carlos

Sabbado, 31 de Dezembro de 1892

FESTA ARTISTICA DOS AUTORES DA REVISTA SOB A DIRECCÃO DE HENRIQUE DE BARCELLOS

Principiará o espectáculo por uma poesia do distincto academico Leal Costa, recitada pelo autor.
Em seguida subirá á scena

CAMPINAS EM 92

Revista de acontecimentos do anno, em 1 prologo e 2 actos, de Alberto Faria e Benedicto Octavio de Oliveira.

DISTRIBUIÇÃO

Campinas	D. Maria A. Ribeiro	Um lavrador	Abel de Castro
Gil-Blas (<i>Diario</i>)	Alvaro Pereira	Poly	Octavio das Chagas
Hendebar (<i>Correio</i>)	Augusto Moreira	Raphael Quinado	Eduardo
Um medroso	A. Barreto	Lino	A. Monteiro
Agente theatral	J. Moraes Salles	Dr. Espadua	Hertz
Emp ezario italiano	Octavio das Chagas	Cabo governista	Arthur
O'Kill	José Faria	João Maduro	Julio Pereira
O reclamista	Maragliano	Professor Amoreira	Maragliano
Azurellos	Mauricio	Ribeirinho Callado	Jayme Moniz
Zé Povo	A. Barreto	Sport	J. Bloem
O inverno	J. Bloem	O jornal <i>A Verdade</i>	D. Ernestina Faria
O Outono	A. Toledo	O gallo da Fortuna	Anibal
A Primavera	D. Ernestina Faria	A Cunha de sorte	Octavio
O Verão	Alfredo Monteiro	A industria	D. Adalgisa Moniz
O Carnaval	A. PEREIRA, OCTAVIO E ARTHUR	A arte	D. Fantina Andrade
Dr. Phenol	A. Hertz	A sciencia	D. Maria Ladeira
A Jogatina	D. Adalgisa Moniz	O commercio	D. Paulina Vignoli
Lulú Trombeta	Arthur Castro	A lavoura	D. Maria Nery
O poeta das Rosas	A. Monteiro	A imprensa	D. Ernestina Faria
Joá	J. Bloem	A iniciativa	D. Thereza Oliveira
A Comp. das aguas	Paulina Vignoli	O Progresso	D. A. de Oliveira
A Pastoril	Sylvio Salles	Command. da G. N.	P. Muniz Junior
A Edificadora	A. Barreto	1.º apostador de gallos	João Bayeux
B. dos Lavradores	Octavio das Chagas	2.º idem	Arnaldo Arruda
Dous negociantes	Hertz e A. Monteiro		
Companhia do gaz	Fantina Andrade		
Os gatunos do hip.	OCTAVIO, SAMUEL E ANNIBAL		

NOVOS PERSONAGENS

1892
1893
João Paulo Bloem
Alfredo Monteiro

Soldados, reclamantes, mascarados, chins, etc.

NUMEROS DE MUSICA

- I---Introdução (Saudação a Campinas) Antonio Cerquera Cesar.
- II---Côro do carnaval. Moscatelli.
- III---Terceto dos gatunos. Da «Gran-Via».
- IV---Walsa «Primavera». D. Perpetua Duarte.
- V---Hymno final. Moreira.
- VI Côro a 93 final. Moscatelli

GRANDE APOTHEOSE

Finalisarâ o espectáculo com a comedia em 1 acto, original de H. de Barcellos

OS APUROS DE UM JORNALISTA

ARMAZEM
DE
SECCOS e MOLHADOS
RUA 13 DE MAIO

(ESQUINA da RUA das FLORES)

Grande sortimento de vinhos italianos e de varias procedencias

Domestiveis--queijos, salames e presuntos. Azeite doce, fructas e conservas

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

COMPRAM GENEROS DO PAIZ

Giovanni Poggetti & C.

CAMPINAS

D

3-3

COMMISSÕES

E

CONSIGNAÇÕES

Rua Francisco Glicerio-70 e 72

ARMAZEM DE MOLHADOS POR ATACADO

Completo sortimento de todos os generos do paiz

Especialidade em vinhos Virgens, Bordeaux, Collares e outras marcas.

A NOSSA CASA É HOJE A MAIS BARATEIRA

Compramos de procedencia directa e importamos a maior parte de nosso sortimento da Europa. Recebemos á commissão todos os generos do paiz.

COMPRAMOS CAFÉ

Casa Filial em Vallinhos

ABREU & VALLE

CAMPINAS

N

20-7

ARMAZEM
DE
SECCOS E MOLHADOS

Completo sortimento de molhados e generos do paiz. Tem sempre grande porção de

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

Generos de primeira qualidade

PREÇOS BARATISSIMOS

Especialidade em fumo e toucinho

ANTONIO NOGUEIRA FERRAZ

LARGO DO VISCONDE DE INDAIATUBA 106

CAMPINAS

D

2-2

ARMAZEM

DE

SECCOS E MOLHADOS

MORAES & CARVALHO

Importação directa de vinhos virgens, collares, porto, etc.

COMPLETO SORTIMENTO DE

ASSUCAR,

TOUCINHO,

KEROZENE,

FUMOS,

AGUARDENTE, ETC.

33--Rua General Osorio--33

(Esquina da rua Regente Feijó)

Campinas

D

3-3